

As práticas funerárias das antigas sociedades camponesas

Novos dados sobre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: o limite oriental

■ VICTOR S. GONÇALVES¹ ■ ANA CATARINA SOUSA² ■

RESUMO A evolução das linhas de investigação que a equipa da UNIARQ tem vindo a prosseguir em Reguengos de Monsaraz desde 1995 talvez a não conduzir de raiz à periferia do Grupo megalítico, mas a realização de um plano de minimizações de impacto subvencionada pela EDIA inverteu os rumos do projecto, colocando novas problemáticas e permitindo que outras fossem retomadas. Estamos, portanto, confrontados com um conjunto de intervenções muito recentes ou ainda em curso quando o presente estudo começou a ser elaborado.

Em termos da história da investigação do megalitismo de Reguengos de Monsaraz, deparámo-nos assim com uma situação inédita: a possibilidade de estudar integralmente um conjunto de monumentos e uma dada problemática numa calendarização relativamente curta (1998-2000).

A investigação do megalitismo, mesmo sob um regime contratual, não se pode constringer a uma abordagem monográfica de monumentos e sítios, sendo também importante a compreensão em termos globais de conjuntos determinados dentro do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e particularmente das suas áreas limítrofes.

O presente trabalho oscila assim entre duas escalas de análise, privilegiando-se uma leitura transversal do posicionamento relativo deste conjunto de monumentos (o grupo oriental), o seu posicionamento absoluto face à paisagem (pedra, água, relevo, solos), as suas opções arquitectónicas e uma primeira leitura da sua utilização (o estudo de materiais encontra-se ainda numa fase inicial).

Na verdade, as próprias características dos monumentos e a sua implantação parecem indicar uma subdivisão dentro da franja oriental:

1. Núcleo do Piornal: PRN₂, MPN, PRN₁, PRN₃, CPL₁ e 2;

2. Anta do Xarez, com posicionamento isolado.

O núcleo do Piornal estrutura-se em ambas margens da Ribeira do Álamo. Considerando as plantas e o espólio, os monumentos escavados parecem apontar para um período inicial do megalitismo da região (monumentos com câmara poligonal simples, corredor com esquema 1+1 ou

ABSTRACT The evolution of different direction of research that the UNIARQ team has undertaken at Reguengos de Monsaraz since 1995 has perhaps not gotten of the megalithic problem. However, the execution of a cultural mitigation project subsidized by EDIA altered the direction of the project, put into place new goals, and allowed others to be revisited. We were, therefore, confronted by a set of studies that were very recent or still in progress when the present study began to be elaborated.

In terms of the history of investigation of megalithism in Reguengos de Monsaraz, we encountered an unknown situation: the possibility of completely studying a group of monuments and a given problem within a short period of time (1998-2000).

The study of megalithism, even in a contract situation, should not be limited to a

monographic summary of monuments

and sites, as it is also important to understand the larger scale patterns both within Reguengos de Monsaraz and within surrounding areas.

The present work oscillates between two scales of analysis, emphasizing a general interpretation of the relative position of these monuments (the eastern group), their position relative to the landscape (stones, water, relief, soils), their architectonic characteristics, and a preliminary interpretation of their function (the study of materials is still in an early phase).

In reality, the characteristics of the monuments and their contexts appear to indicate a subdivision within the eastern zone.

1. The Piornal Group: PRN₂, MPN, PRN₁, PRN₃, CPL₁ and 2;

2. Anta do Xarez, with its isolated location.

The Piornal Group is situated on both banks of the Ribeira do Álamo. Based on the plans and material finds, the monuments excavated appear to point to an early period of megalithism in the region (monuments with simple polygonal chamber, corridor with a 1+1 scheme or short 2+2, small/medium size, comparable with some of the earlier monuments of the region; scarce material remains). These elements

2+2 curto, dimensão pequena/média, paralelizáveis com alguns dos monumentos mais antigos da região; escasso espólio). Estes elementos parecem indicar um reduzido número de deposições funerárias previsto de origem, e realmente efectuadas, com um âmbito individual ou unifamiliar previsto no momento da sua construção. A anta 2 do Piornal e a anta 3 do Piornal integram-se neste quadro global, com algumas variantes.

A anta 1 do Xarez parece assumir uma posição mais isolada na chamada “Baixa do Xarez”, próximo do Guadiana, tendo Monsaraz no seu horizonte próximo. Não havendo outras antas conhecidas nas suas imediações, verifica-se no entanto a presença de megalitismo não funerário, nomeadamente o conhecido menir do Xarez e o “pseudo-cromeleque” construído já na segunda metade do século XX em torno dele. Com um esquema simples de arquitectura, este monumento foi intensamente usado durante o Neolítico final/Calcolítico, a avaliar pela abundância de espólio nele recolhido. Ainda na Pré-História, este monumento sofreu uma remodelação consubstanciada no esvaziamento parcial do espólio para o exterior da câmara e na colocação de lajes de xisto em posição anexa ao exterior da Câmara e com intenção indeterminada. O posicionamento destes monumentos parece conferir uma provável inicial ligação entre eles. Esta correlação poderá não constituir apenas uma simples hipótese ou instrumento de trabalho e já em 1992 um dos signatários, ao efectuar um primeiro ensaio de leitura de “grupos dentro do grupo”, considerara duas áreas, a Norte e a Sul da Ribeira do Álamo, e a presença de duas “periferias”, a Oeste (sensivelmente na área de Reguengos de Monsaraz) e a Este, próximo do Guadiana, o subgrupo oriental.

A questão dos “centros” e “periferias” destes megalitismos prende-se aliás com a existência de uma evidente “estratigrafia horizontal” nas construções dos espaços da morte do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Estando agora comprovada a presença de uma ocupação de Neolítico antigo, sobretudo junto ao Guadiana, de que forma se estabeleceu a dispersão do megalitismo funerário?

É justamente neste “subgrupo periférico oriental” que este conjunto se enquadra. Estaremos assim na presença de uma periferia autonomizada no “grupo oriental” na transição entre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a área do Guadiana? A resposta não é tão simples como se poderia crer.

appear to point to a reduced number of funerary deposits, with only an individual or a single family buried within them at the time of their construction. Anta 2 of Piornal and Anta 3 of Piornal can be placed within this general scheme, with some variations.

The Anta 1 of Xarez appears to assume a more isolated position in the so-called ‘Baixa do Xarez’, next to the Guadiana, with Monsaraz to its horizon. Although other dolmens are not known in its immediate vicinity, there are non-funerary megaliths, namely the well-known menhir of Xarez and the ‘pseudo-cromeleque’ constructed in the second half of the 20th century. With a simple architectural scheme, Xarez 1 was intensely used during the Late Neolithic or Chalcolithic, given the abundance of the burial remains found in it. Even in prehistory, this monument underwent significant remodeling - in the partial removal of the interior remains for the exterior of the chamber and in the annexing of the schist slabs to the exterior of the chamber for unknown reasons.

The positioning of these monuments suggests a relationship between them. This correlation might not constitute a single explanation or one construction phase, as already in 1992, one of the authors, upon carrying out a first interpretation of a group of monuments within the group, considered there to be two areas, the north and the south of the Ribeira do Álamo, with two peripheries, a western (in the area of Reguengos de Monsaraz) and an eastern, next to the Guadiana.

The question of centers and peripheries of these megalithic groups is linked, however, to the evidence for the horizontal stratigraphy of the funerary monuments of Reguengos de Monsaraz. As an Early Neolithic occupation has now been demonstrated, particularly along the Guadiana, in what way was the spread of funerary megalithism established? It is precisely within the eastern peripheral subgroup that this group can be placed.

Are we then faced with the presence of an autonomous periphery in the eastern group between the megalithic group of Reguengos de Monsaraz and the area of the Guadiana? The answer is not as simple as one might imagine.

Os monumentos referidos neste trabalho foram escavados em 1998, 1999 e 2000, no âmbito do plano de minimização de impactes da Barragem de Alqueva, financiado pela EDIA (Bloco 6 das medidas de minimização, dirigido por Victor S. Gonçalves), que, de acordo com a leitura estrita das normas contratuais, autorizou a divulgação de estes dados. Acompanhando as diversas acções, nas suas distintas fases (1998-2000), trabalhou Ana Catarina Sousa. Um primeiro estudo de síntese (da responsabilidade de VSG) foi em 2001 entregue para publicação na Revista Portuguesa de Arqueologia (vol. 5:1. – 2002).

1. O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: os centros e as periferias

As expressões “centro” e “periferia” têm conotações específicas com o mundo dos vivos e raramente se usam no que ao espaço dos mortos diz respeito.

Um arriscado exercício, tão do agrado de alguns, certamente pelos atractivos óbvios que encerra e pela facilidade de uma sua formulação primária, reside no estabelecimento de conexões entre os dois “mundos”, consubstanciados em povoados, apesar de muitas vezes invisíveis, e necrópoles megalíticas, hoje descarnadas das suas estruturas tumulares e excessivamente expostas pela particular visibilidade dos seus esteios.

Esse exercício comporta normalmente uma insuportável margem de risco, uma vez que se acumulam potencialmente erros graves, traduzindo a elevada especificidade das duas culturas materiais, a de uso corrente e a simbólica.

Mas não é absurdo, pelo menos à partida, pensar que a um “centro” de povoamento corresponderiam necrópoles “centrais” e a “periferias” detectadas na estratégia de povoamento, monumentos funerários geograficamente “periféricos” a um grupo “central”.



FIG. 1 – Monumentos megalíticos do limite oriental do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz.

Esta situação, aparentemente pacífica, deve no entanto ser mitigada, particularmente se tivermos em conta o factor Tempo e o facto de um centro poder não o ter sido sempre. Com efeito, é ainda mal conhecido o processamento diacrónico da colonização da mancha granítica de Reguengos de Monsaraz pelos grupos neolíticos e não é improvável que esse desenvolvimento se tenha feito mais rapidamente do que é usual supor-se, talvez a partir da margem direita do Guadiana, onde a identificação de sítios como Xarez 12, no topo do leito de cheia, ou Xarez 4 e Fonte dos Sapateiros, na Baixa do Xarez, ou Carraça 1, um pouco mais a poente, poderia significar a existência de um núcleo antigo de povoamento no actual extremo Este do concelho.

2. Implantação relativa: o limite oriental do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz

Escavar antas como se fossem “ilhas” na paisagem, em que os resultados valem de *per si*, é uma forma redutora e limitativa de construir imagens do megalitismo, sobretudo numa área onde tantos monumentos já foram escavados (em 2000, 46 escavados e um em escavação para um total efectivo de 137 monumentos registados). Produzir estudos sobre megalitismo só é possível quando existe uma problemática global na sequência da existência de projectos de estudo na construção de uma perspectiva diacrónica da paisagem.

Neste sentido, entendemos o trabalho desenvolvido no Bloco 3 do âmbito do “Plano de minimização de impactes da área do regolfo de Alqueva”, dirigido por um dos signatários (VSG). No quadro da continuidade dos projectos de investigação que a equipa da UNIARQ tem vindo a efectuar em Reguengos de Monsaraz desde 1985, no âmbito das antigas sociedades camponesas (do VI ao III milénio a.C.) efectuaram-se estudos monográficos como o projecto do Complexo funerário do Olival da Pega, dos povoados Monte Novo dos Albardeiros, Torre do Esporão 3, Areias 15, mas também sínteses e problemáticas globais consubstanciadas em monografias ou estudos monográficos (Gonçalves, 1992, 1995, 1999; Gonçalves e Sousa, 1997 e 2000).

A evolução das linhas de investigação que a equipa da UNIARQ tem vindo a prosseguir em Reguengos de Monsaraz desde 1985 talvez a não conduzisse de imediato à “periferia” do grupo megalítico, mas a realização de um plano de minimizações de impacte inverteu os rumos do projecto, colocando novas problemáticas e permitindo que outras fossem retomadas. Estamos, portanto, confrontados com um conjunto de intervenções ainda em curso e é com alguns trabalhos ainda em aberto que o presente estudo foi elaborado.

QUADRO 1

Monumentos do subgrupo oriental

Monumento	# Leisner	Código UNIARQ	Estado da investigação
Capelinha 1	72	CPL-1	Totalmente destruída
Capelinha 2	Inédita	CPL-2	Escavada em 2000
Monte Novo do Piornal	Inédita	MNP	Escavação concluída – 1998
Piornal 1	69	PRN-1	Escavada em 2000
Piornal 2	70	PRN-2	Escavada em 1998-99
Piornal 3	71	PRN-3	Escavada em 1999
Xarez 1 (= Xarez de Baixo)	68	XZ-1	Escavada em 1998

Em termos da história da investigação do megalitismo de Reguengos de Monsaraz, encontramos agora perante uma situação inédita: a possibilidade de estudar integralmente um conjunto presumivelmente “orgânico” de monumentos, com uma específica problemática (a de um subgrupo presumivelmente periférico), situação concentrada num prazo relativamente curto (três anos de trabalho de campo — 1998-2000 e dois de gabinete — 2001-2003).

O posicionamento destes monumentos confere-lhes uma inicial ligação entre si e em função dos restantes.

Na verdade, já em 1992 um dos signatários efectuara um primeiro ensaio de leitura de “grupos” no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Foram então consideradas duas áreas a Norte e a Sul da Ribeira do Álamo e a existência de duas “periferias”:

1. a Oeste (sensivelmente na área da actual Reguengos de Monsaraz);
2. a Este (próximo do Guadiana).

Estas áreas de distribuição correspondem aliás à mancha de distribuição dos granitos e aos solos de capacidade B e C, encontrando-se nitidamente muito bem delimitadas por solos xistosos e com escassa capacidade de uso.

A questão dos “centros” e “periferias” não pode porém esquecer a muito provável existência de uma “estratigrafia horizontal” nas construções megalíticas do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Estando comprovada a presença de uma ocupação de Neolítico antigo sobretudo junto ao Guadiana, de que forma se estabeleceu a dispersão do megalitismo funerário?



FIG. 2 – Áreas centrais e monumentos periféricos: Gonçalves, 1992, p. 134 (mapa 13).

É justamente num “grupo periférico oriental” que o conjunto agora em análise se enquadra. Estaremos assim na presença de um “subgrupo oriental” na transição entre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a área do Guadiana? Ou de um núcleo mais antigo, desarticulado em relação a fases posteriores de colonização das terras agrícolas do interior?

É talvez o momento de sublinhar que a margem esquerda do Guadiana apresenta aqui apenas um monumento, com espólio evoluído, a anta da Celulose. A ausência de contextos para este monumento, poderia aliás fazer crer que ele se encontrava eventualmente em conexão com os da margem direita, ainda que se trate efectivamente, pela sua singularidade, de uma situação verdadeiramente bizarra.

Na verdade, as próprias características dos monumentos e a sua implantação parecem indicar que este “subgrupo oriental” não é absolutamente homogéneo, sendo de salientar a posição isolada da anta Xarez 1 em relação ao núcleo do Piornal, que integra as antas Piornal 1, 2 e 3, Monte Novo do Piornal, e eventualmente Capelinha 1 e 2.

O núcleo do Piornal estrutura-se em ambas margens da Ribeira do Álamo. As arquitecturas e espólio parecem indicar maioritariamente uma cronologia antiga no faseamento do megalitismo de Reguengos de Monsaraz.

A anta 1 do Xarez parece assumir uma posição mais isolada, em anexo à chamada “Baixa do Xarez”. Não havendo outras antas nas suas imediações, verifica-se a presença de megalitismo não funerário: grande menir do Xarez e pseudo-cromeleque construído recentemente em torno de ele.

O núcleo anta/menires tem um posicionamento relativamente próximo do Guadiana, numa área de fronteira em função do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz entendido como um todo, da margem direita do Guadiana, da mancha de granodioritos, da própria peneplanície de Reguengos de Monsaraz.

Este carácter de fronteira poderá constituir explicação para a concentração de megalitismo não funerário nesta zona a acreditarmos numa cronologia mais antiga para alguns menires e cromeleques. A cronologia mais antiga teria correspondência na arquitectura da anta 1 do Xarez, embora o envólucro aqui não tenha correspondência com o seu interior, claramente do Neolítico final – Calcolítico. Toda a evidência arqueológica da anta 1 do Xarez aponta, aliás, para esta cronologia, sendo necessário averiguar minuciosamente o registo da primeira camada de utilização do monumento para detectar eventuais diferentes cronologias de origem.

3. Implantação absoluta. Os monumentos: pedra, água, relevo, solos

Se a compreensão de este tipo de monumentos só poderia ser inicialmente equacionada em termos globais face ao chamado “Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz”, a escala de análise deve seguidamente assumir uma perspectiva de leitura individual das especificidades de escolhas na paisagem, para assim se procurar compreender a coerência das opções desta “periferia oriental”.

Relevo e água

Em termos paisagísticos, a anta do Monte Novo do Piornal e a anta 2 do Piornal estão implantadas numa mesma realidade oro-hidrográfica: uma área plana rodeada de suaves ele-

vações ou, numa expressão grata a Georg e Vera Leisner, “em campo raso”, distando apenas 400 m uma da outra.

A anta do Monte Novo do Piornal implanta-se numa área plana, quase deprimida (cota absoluta 137,11 m), rodeada por elevações suaves, onde se situam actualmente os Montes dos Gagos e do Piornal. Existem aqui pequenos cursos de água subsidiários da Ribeira do Álamo, confluindo para a sua margem esquerda.

Esta posição discreta na paisagem não explica o facto de a anta do Monte Novo do Piornal não ter sido identificada pelos Leisner, uma vez que se encontra a cerca de 30 m do caminho da estrada Reguengos - Mourão para a Herdade dos Gagos, em condições óptimas de visibilidade. Mas, na realidade, nenhuma das descrições das antas de Piornal ou de Gagos corresponde ao monumento que foi designado pela EDIA por *Monte Novo do Piornal*. Esta anta inédita, identificada por Carlos Tavares da Silva, teria assim passado despercebida aos Leisner, apesar de se encontrar numa área de fácil acesso para estes ou para outros arqueólogos. O único elemento constante da monografia de 1951 é a referência à existência de outras antas na Herdade dos Gagos, existência não confirmada pelos recentes trabalhos de prospecção, o que não quer dizer que nunca existiram, mas que, mais provavelmente, e tal como Capelinha 1, foram integralmente destruídas.

A anta 2 do Piornal localiza-se também numa área muito plana, numa cota absoluta de 144,66 m, entre pequenas elevações. Rodeada por afloramentos rochosos que se encontram muito perto (a cerca de 22 m) do monumento, quase no limite da sua estrutura tumular.

Esta implantação discreta na paisagem contrasta com o que sucede particularmente nos casos de Piornal 1 e 3, posicionados em áreas menos deprimidas e em terrenos com o relevo mais marcado. Aliás o posicionamento de Piornal 3 junto ao Guadiana marca praticamente o fim da peneplanície de Reguengos de Monsaraz e o início das paisagens xistosas. O vale do Guadiana, não sendo actualmente completamente visível, sê-lo-ia muito mais do topo da estrutura tumular pétreia, que formaria na paisagem uma pequena colina artificial. Para além deste elemento filo-hidrográfico, esta área beneficia ainda da proximidade do curso de outras linhas de água, de curso sazonal.

Também a anta 1 do Xarez se encontra de algum modo marcada pela presença do Guadiana. Em área plana (cota absoluta 135,54 m), este monumento encontra-se já num antigo terraço deste rio. A presença de Monsaraz no horizonte Norte também exerce um papel marcante na paisagem onde se implanta Xarez 1.

Pedras

A leitura de áreas de captação directamente conectáveis com o mundo dos mortos tem sido por vezes usada como forma de suplantar as carências de informação relativas ao estudo do mundo dos vivos. Considerando a presença na área do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz de várias dezenas de habitats, do Neolítico antigo ao Calcolítico final, este exercício revela-se nesta perspectiva desinteressante e, mesmo, desaconselhável.

Na verdade, em termos estritos, a área de captação relativa à construção de um monumento megalítico correlaciona-se primordialmente com a existência de matéria-prima para os elementos arquitectónicos. A correspondência do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz com a mancha de solos granodioríticos tem decerto um significado específico. O xisto, elemento exterior à área granítica, é adoptado como matéria-prima preferencial ou

quase exclusiva durante o Calcolítico, para a construção de um novo tipo de monumento (os *tholoi*). Anteriormente, porém, já o encontramos integrando, ainda que quase sempre minoritariamente, parte do conjunto construído (lajeados, esteios, “remendos” nas junções de esteios das Câmaras).

Se a ausência “virtual” de antas fora da área granítica parece atestada, com algumas excepções, como a da anta da Belhoa, considerando o inventário exaustivo dos Leisner e os trabalhos posteriores, restaria confirmar a ausência de *tholoi* isolados, sempre de difícil detecção. Mas este tema está incluído no que se presume ser o último projecto sobre o megalitismo de Reguengos que a UNIARQ executará.

Como se disse, na periferia do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, e nos limites da mancha granítica, a escolha dos locais específicos de implantação privilegia a proximidade a esta matéria prima, verificando-se, por vezes, a ocupação de manchas graníticas tipo “ilha”. É este nomeadamente o caso do monumento Piornal 3, onde o substrato rochoso da área de implantação é uma limitada faixa granítica, envolvida por xistos com corneanas, de formação silúrica. A anta de Xarez 1 foi implantada numa mancha de granodioritos em contacto com corneanas.

Visibilidade

Em Reguengos de Monsaraz, a visibilidade dos monumentos parece não constituir normalmente factor fundamental na escolha do seu lugar de implantação, salvo na situação específica da anta Piornal 3 e nas antas que ladeiam a Norte o povoado fortificado do Monte Novo dos Albardeiros.

Assim, apesar de alguns de estes monumentos se encontrarem relativamente próximos, é reduzida a sua intervisibilidade. Esse é o caso das antas do Piornal 2 e Monte Novo do Piornal, que distam apenas 400 m. A sua implantação numa área plana, sem qualquer destaque na paisagem, “mascara” os monumentos na peneplanície granítica, facto agravado pelo coberto arbustivo que deveria crescer sobre as colinas tumulares.

Por outro lado, o campo visual a partir dos monumentos é também reduzido, à excepção, como já se disse, da anta 3 do Piornal. O local de implantação deste monumento é caracterizado por um declive com sentido NW/SE, dispondo de um relevante domínio visual sobre a paisagem envolvente (mais amplo no sentido nascente), pouco comum a estes monumentos, cuja característica é ser um elemento marcante, visível na paisagem e não um ponto propício de observação da mesma.

4. Orientação

Uma das primeiras observações possíveis reside na similitude com que a maior parte de estes monumentos foi orientado.

Contrariamente ao caso dos monumentos que entre a sua linha de visão perpendicular a partir do centro do esteio de cabeceira e a primeira luz encontravam Monsaraz como elevação de referência, mas mascarando uma leitura directa do nascimento do Sol, a situação é aqui muito diferente. Assim, se a intenção era orientá-los em direcção ao Sol Nascente, e consequentemente à primeira luz, nenhum obstáculo equivalente a Monsaraz se regista no caso de Xarez 1.

A orientação de estes monumentos é a seguinte:

QUADRO 2

Orientações dos monumentos do grupo oriental

Monumento	Orientação
Piornal 1	100 ^g
Piornal 2	108 ^g
Monte Novo do Piornal	110 ^g
Piornal 3	110 ^g
Xarez 1	122 ^g

Observa-se portanto, também a nível das orientações, a especificidade de Xarez 1 em relação aos outros monumentos da periferia oriental. Ainda que a diferença não seja dramática, a sua simples detecção refere-nos a outro tipo de monumentos, recentemente objecto de estudos mais aprofundados, Olival da Pega 1 (orientada a 122^g) e Olival da Pega 2 (orientada a 126^g).

Mas o que talvez seja mais interessante sublinhar por agora é a orientação praticamente idêntica de três monumentos com espólios que, quando conhecidos, não se contradizem cronologicamente.

5. Architecturas

As conclusões cronológico-culturais que alguns autores gostam de extrair da interpretação tipológica da morfologia das Câmaras dos monumentos megalíticos constituem uma leitura arriscada e em relação à qual um de nós sempre colocou sérias reservas. Com efeito, se é possível desenhar um *tholos* com uma forma circular suficientemente correcta, as técnicas de implantação dos esteios das antas raramente permitem formas regulares. Outro risco relaciona-se com os constrangimentos teórico-metodológicos que limitam a nossa amostra: a correcção das plantas desenhadas segundo metodologias diferentes e em diferentes altimetrias, traduzindo planos diversos de escavação, a presença de um mesmo tipo arquitectónico com conteúdos artefactuais de cronologias díspares, alterações das morfologias da planta na sequência de fenómenos pós-deposicionais, nomeadamente o crescimento de árvores com robustos sistemas radiculares no interior ou no exterior imediato dos monumentos.

Algumas correntes teóricas abandonaram progressivamente a outrora tão apreciada elaboração de genealogias arquitectónicas. Apesar da óbvia limitação de segmentar tipos arquitectónicos, a verdade é que a especificidade do megalitismo no mundo das primeiras sociedades camponesas reside na presença de fórmulas pré estabelecidas, o que nos faz usar sem risco a expressão “arquitectura megalítica”, ainda que o arquitecto seja aqui mais uma ideia preexistente ao monumento que um indivíduo específico.

O uso de 5, 6, 7, 8 ou 9 esteios, a construção de câmaras poligonais, em galeria, circulares, a presença de corredores curtos, longos ou muito longos, não são meros pormenores a destacarem-se de um “leque de opções” único durante 2 mil anos e distribuem-se por tempos e espaços muito complexos.

Num grupo megalítico como o de Reguengos de Monsaraz, em que se dispõe de um elevado número de monumentos megalíticos escavados, com utilizações caracterizáveis em termos de espólio votivo e algumas práticas rituais detectadas, não podemos, no entanto, continuar evitando um tipo de abordagem tipológico. São ainda muito grandes as lacunas,

sobretudo no que se refere ao enquadramento arqueométrico de estas situações, pelo que será apenas efectuada uma leitura transversal das características destes monumentos face aos restantes da região.

Para clareza de perspectivas, apresentam-se os critérios descritivos utilizados pela equipa da UNIARQ desde 1990, data do início da escavação do complexo funerário Olival da Pega 2.

Os esteios – Câmara (ECm) e Corredor (ECr) – foram designados segundo o seu contexto. Na Câmara, foram numerados de 1 a *n* seguindo o sentido dos ponteiros do relógio. Os esteios do Corredor foram numerados separadamente no lado direito e esquerdo: ECrD 1 a *n* e ECrE 1 a *n*., no sentido crescente do Observador para a entrada da Câmara. As tampas de Corredor são numeradas em ordenação idêntica.

Em termos descritivos são utilizados os seguintes parâmetros (ver também Gonçalves, 1992): CH – Chapéu (existência); TC – Tampa de Corredor; TM – *Tumulus*; X – presença de xisto; K – Kerb; DCmT - Diâmetro da Câmara no sentido transversal; DCmL - Diâmetro da Câmara no sentido longitudinal; CC - Comprimento do Corredor; DT - Diâmetro do *tumulus*; ECm – N.º Esteios da Câmara (existentes + presumidos); ECr – N.º esteios do Corredor (duas linhas de esteios que compõem o corredor).

As relações entre o diâmetro longitudinal da Câmara e o comprimento total do corredor foi estabelecido em 1989 como um critério definidor da classificação a aplicar ao corredor (Gonçalves, 1989, vol. 1, p. 43).

Apresenta-se, do conjunto dos monumentos em estudo, uma descrição da arquitectura dos recentemente escavados sob a direcção de um de nós: XZ-1; PRN-2; PRN-3 e MNP e PRN-1.

5.1. Arquitecturas do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: os monumentos do subgrupo oriental em função dos restantes

Observados sumariamente (ver *infra*, 5.2) os monumentos em estudo, será necessário confrontar a aparente homogeneidade do conjunto do Piornal face ao inteiro grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz.

5.1.1. Morfologia arquitectónica

Como exercício de tentativa de compreensão da arquitectura destes monumentos foi ensaiado para os monumentos conhecidos em Reguengos de Monsaraz um “catálogo de formas”. Foram considerados dois parâmetros de análise para dois componentes do monumento: *forma* e *número de componentes* na Câmara e no Corredor.

Preferimos não tomar em conta as estruturas tumulares, pela raridade das situações em que elas se encontram preservadas. Já na publicação de Georg e Vera Leisner se observa a escassez de dados a este respeito. Nos trabalhos efectuados nos cinco monumentos do subgrupo oriental, apenas num (Piornal 3) se identificou uma estrutura tumular, neste caso específico muito bem definida por um *kerb*, o que permitiu registar medidas impossíveis de obter na esmagadora maioria dos monumentos. Em todos os outros verificou-se, aliás, uma completa ausência de informação sobre diâmetros e volumetrias.

Câmara

Tradicionalmente, as Câmaras foram associadas a formas geométricas simples.

Na verdade, à excepção dos *tholoi*, que se apresentam quase sempre com uma grande

regularidade no desenho das Câmaras (geralmente circulares ou subcirculares, mais raramente elipsóidais), a geometria das Câmaras dos monumentos ortostáticos pertence a uma outra categoria, em que as figuras regulares nem sempre são possíveis. Mesmo assim, no caso dos *tholoi*, nunca foi determinado se as formas elipsóidais não resultariam antes de fenómenos pós-construtivos como a pressão das massas de sedimentos das estruturas tumulares, só em si e sem outra acção humana capazes de deformar espaços circulares frágeis.

Seis grupos rigorosos, em princípio possíveis de usar, seriam os seguintes:

1. Rectangular (e sub-rectangular) longitudinal (o eixo maior prolongando o Corredor);
2. Rectangular (e sub-rectangular) transversal (o eixo maior perpendicular ao Corredor);
3. Circular (e subcircular);
4. Oval longitudinal (o eixo maior prolongando o Corredor);
5. Oval transversal (o eixo maior perpendicular ao Corredor);
6. Poligonal.

Mas, à excepção dos monumentos poligonais e de alguns poucos circulares, nenhum outro existe na realidade, em sentido estrito. São aproximações subjectivas a formas objectivas, quase impossíveis de obter a partir da montagem no terreno de ortóstatos irregulares, situação particularmente visível em monumentos de grande dimensão, mas também nos de menores proporções.

A análise desta situação levou-nos, antes de outras explicações mais extensas terem lugar, a resumir e alterar as propostas comuns. Assim, listámos cinco categorias quanto à forma:

1. Rectangular longitudinal;
2. Rectangular transversal;
3. Subcircular;
4. Elipsoidal;
5. Poligonal.

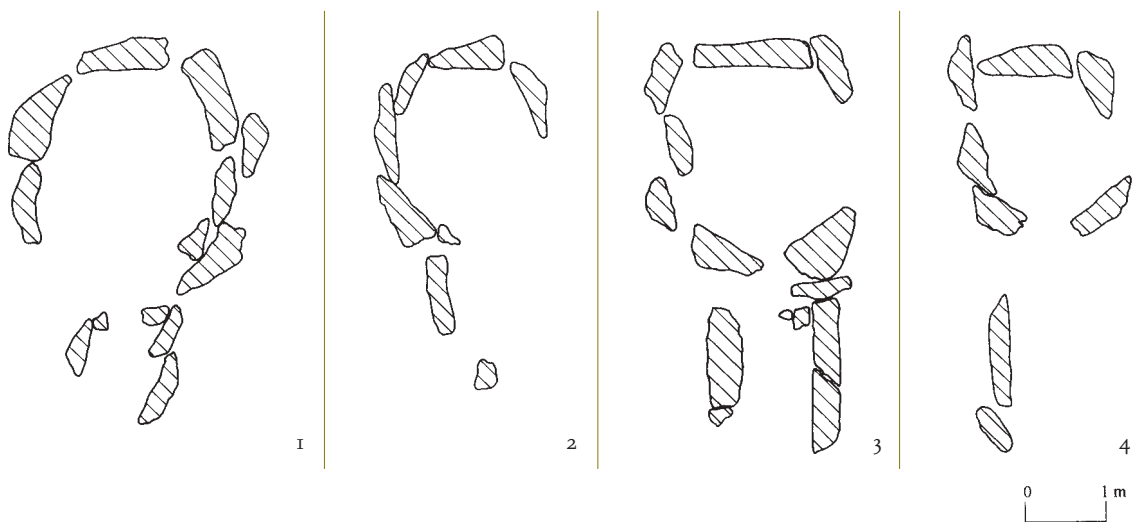


FIG. 3 – Monumentos com Câmara rectangular longitudinal: 1 - Vale Carneiro; 2 - Arraeira; 3 - Monte Novo I; 4 - Horta da Bengala.

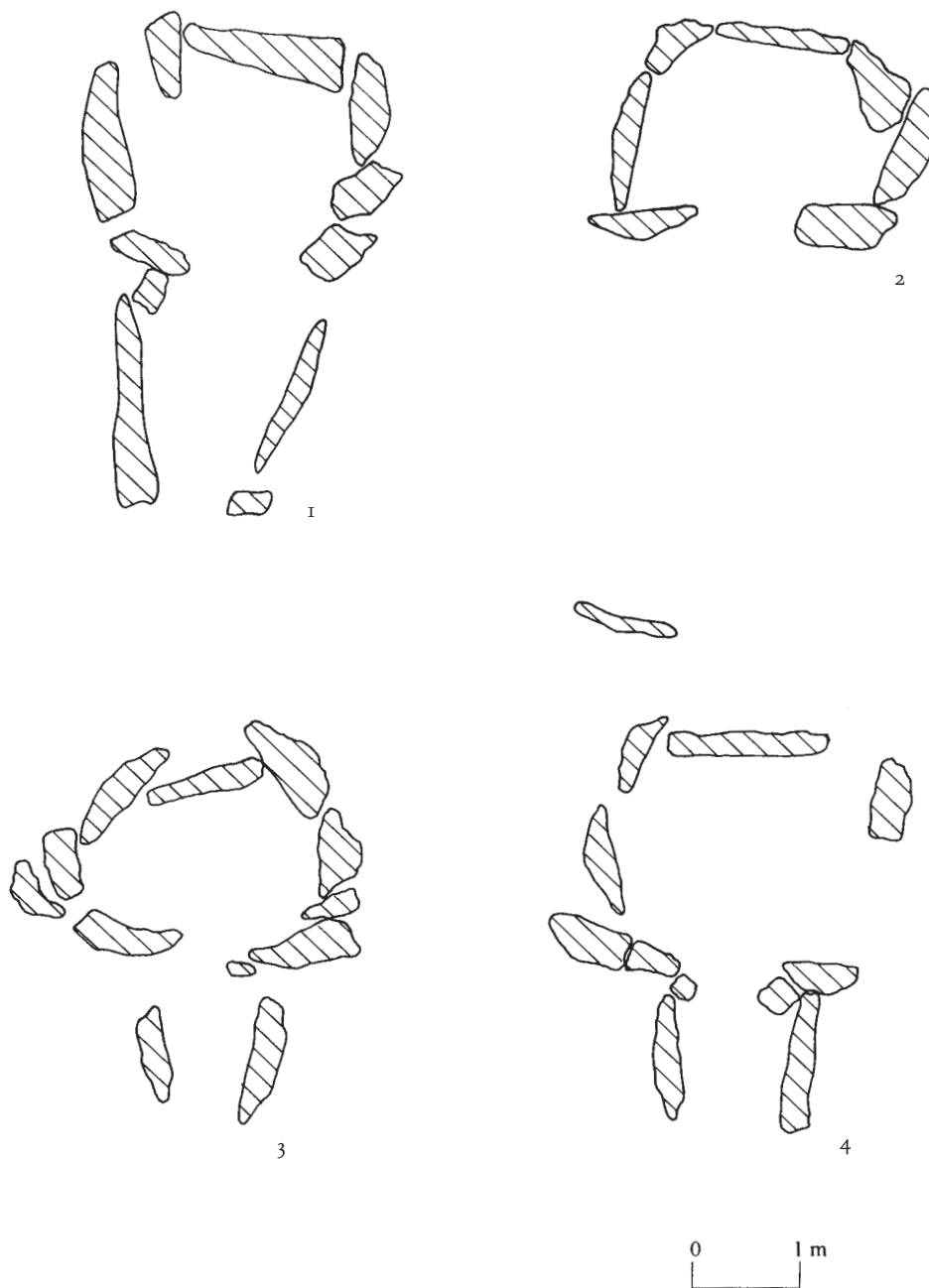


FIG. 4 – Monumentos com Câmara rectangular transversal: 1 - Farisoa 2; 2 - Cebolinhos 2; 3 - Barrocal 12; 4 - Vale Carneiro.

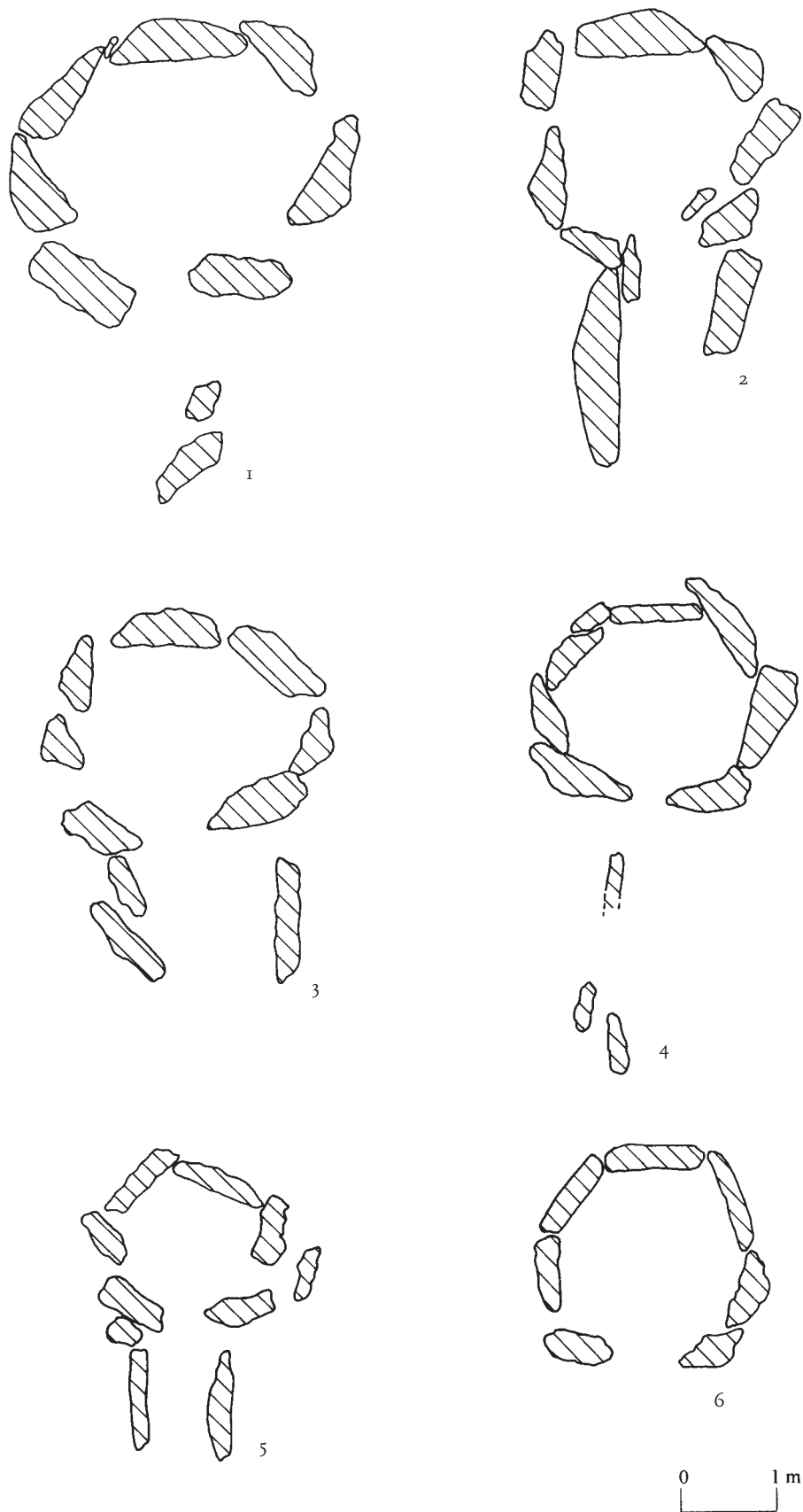


FIG. 5 – Monumentos com Câmara rectangular subcircular: 1 - Peroliva; 2 - Quinta ; 3 - Cavaleira 1; 4 - Azinheira 2; 5 - Barrocal 2; 6 - Passo 2.

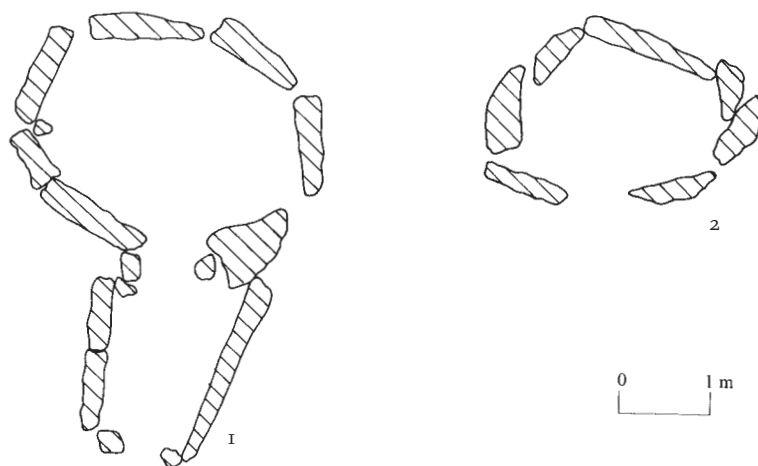


FIG. 6 – Monumentos com Câmara elipsoidal: 1 - Vidigueiras 1; 2 - Cebolinhos 4.

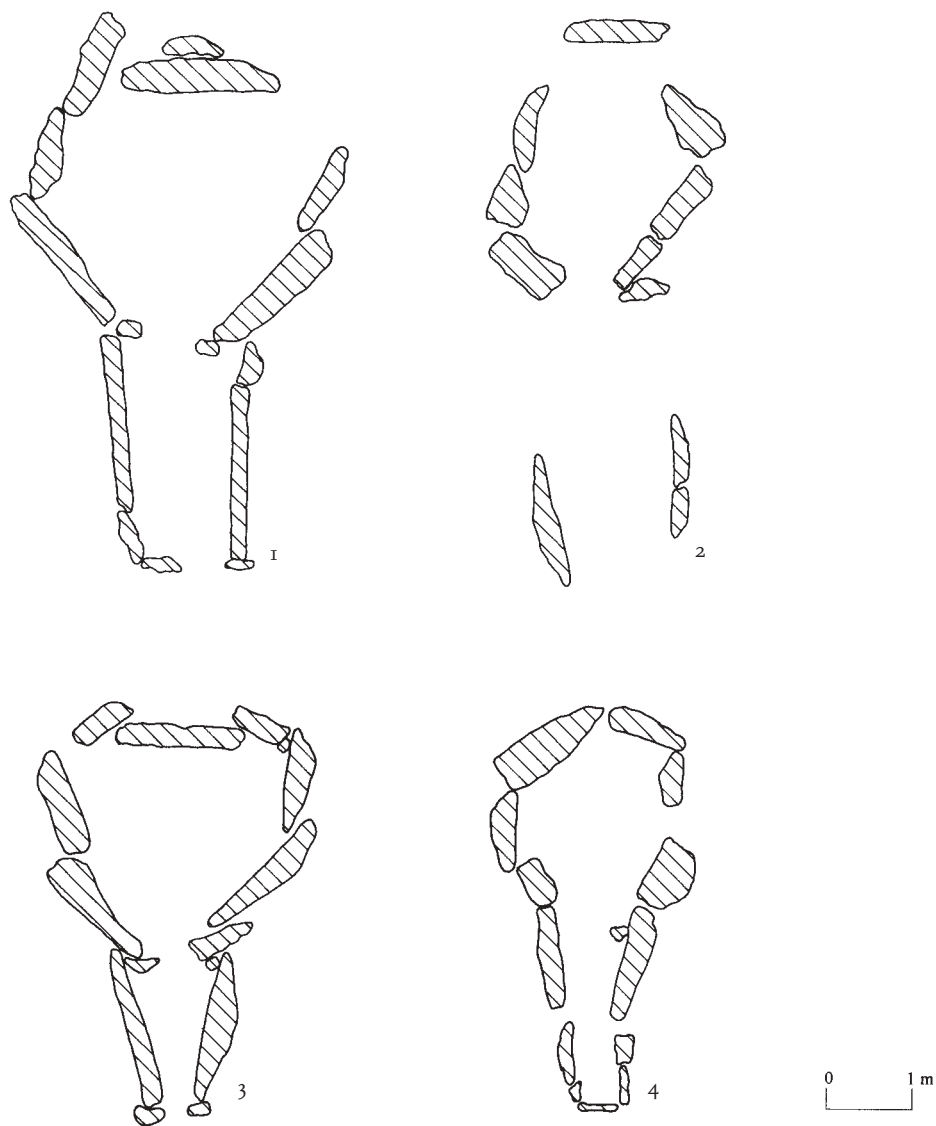


FIG. 7 – Monumentos com Câmara poligonal: 1 - Passo 1; 2 - Barrocal 10; 3 - Gorginos 1; 4 - Comenda 2.

As Câmaras de sete esteios são claramente dominantes em qualquer uma das formas, ainda que existam com cinco, seis e oito.

A importância do número de esteios da Câmara parece, neste contexto, relativa. Mas tem um significado evidente na definição das formas circular e subcircular e elipsoidal. Com efeito, para se obter uma Câmara tão circular quanto possível é necessário um número superior de esteios que o necessário para a construção de Câmaras com formas angulares próprias das categorias trapezoidal e rectangular ou subrectangular.

Os monumentos cuja construção assenta num esteio de cabeceira de grandes dimensões apresentam-se normalmente com formas mais angulosas (trapezoidal e subrectangular). Tal fenómeno deriva exclusivamente da condicionante que um grande esteio de cabeceira coloca no desenho geral da Câmara, criando uma linha recta impossível de corrigir posteriormente, com a colocação dos outros esteios.

A existência de um plano prévio é apenas presumível na quase totalidade dos monumentos megalíticos. Mas, no caso de Xarez 1, a técnica utilizada implicou a preparação do topo de um afloramento granítico, ao qual se encostariam os ortóstatos da Câmara. Tal situação e técnica em pouco não devem ter contribuído para a regularidade do traçado da Câmara do monumento.

Corredor

A morfologia do corredor foi também analisada a partir dos mesmos parâmetros, forma e número de componentes.

Quanto à Forma, identificaram-se duas categorias, de acordo com a disposição dos esteios do Corredor:

1. paralelo;
2. afuselado.

O número de esteios do Corredor pode ser referido, geralmente, de acordo com a sua fórmula construtiva:

1. esquema 1+1 simples (um esteio de cada lado do Corredor);
2. esquema 1+1 com anteparas;
3. número de esteios superior a 1+1, normalmente 2+2.

5.1.2. Dimensão

Para Reguengos de Monsaraz, como para outros conjuntos megalíticos, referem-se muitas vezes os monumentos “pequenos” ou “grandes” sem uma explicitação de critérios. Estes, porém, devem ser hierarquizados regionalmente e não obedecerem necessariamente a parâmetros transregionais.

Assim, efectuamos uma análise com dois tipos de indicadores: Câmara e Corredor.

Quanto à Câmara, e apesar das precauções a assumir quando lidamos com medidas que se referem a monumentos não escavados, utilizamos uma dispersão entre o diâmetro da Câmara transversal e o diâmetro da Câmara longitudinal.

GRÁFICO 1

Dimensões das Câmaras dos monumentos megalíticos de Reguengos de Monsaraz

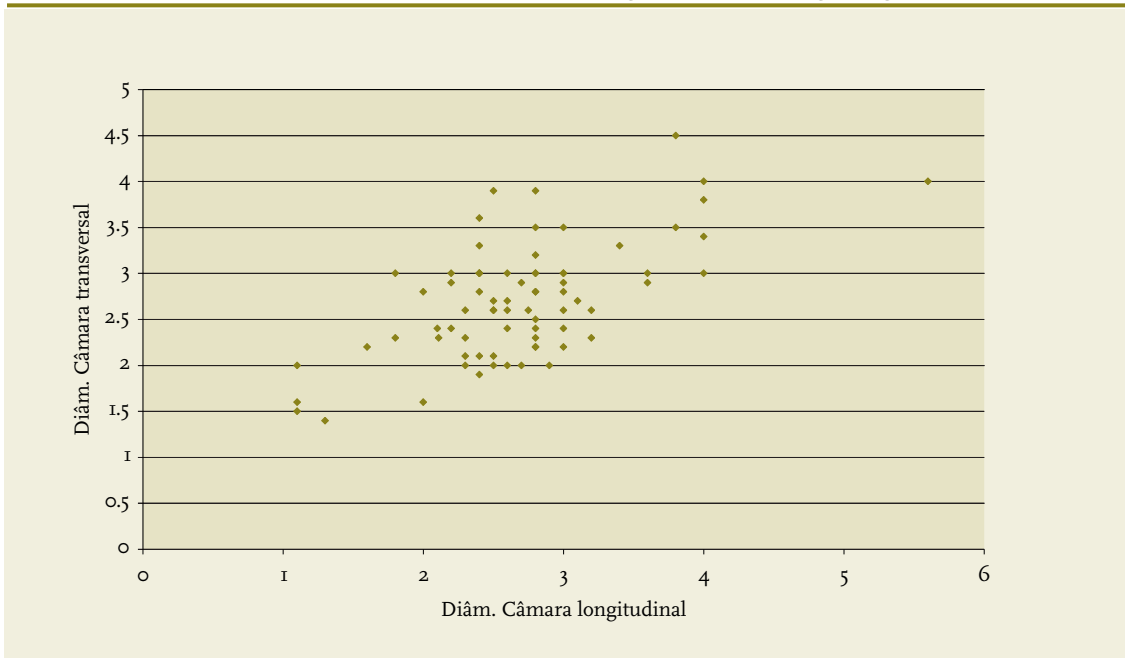
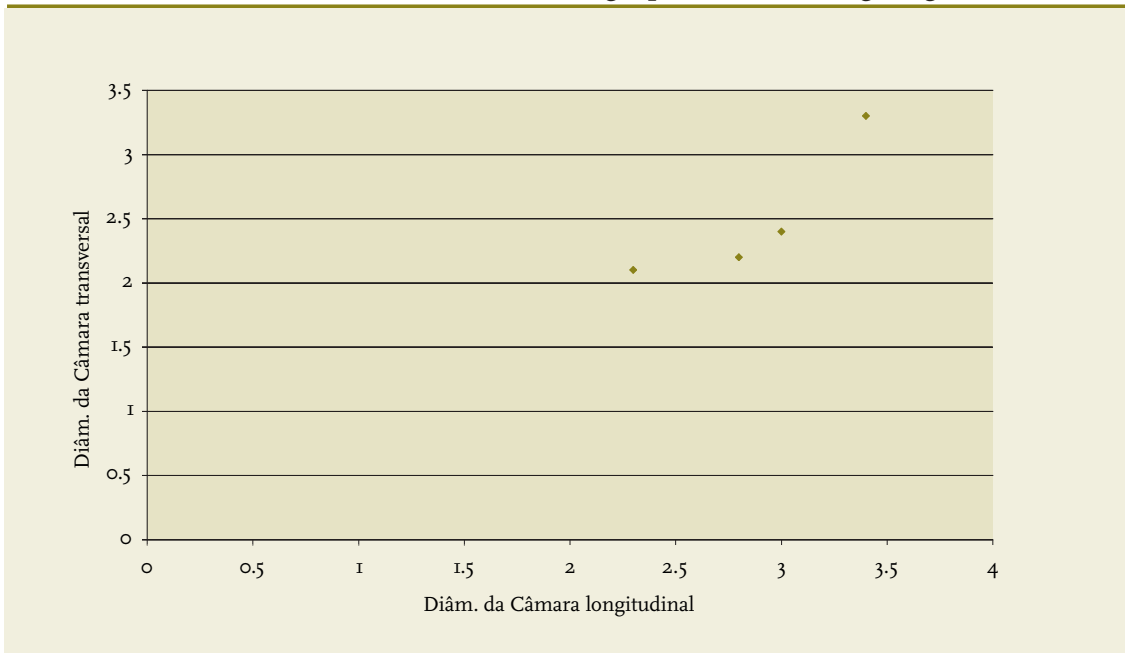


GRÁFICO 2

Diâmetros da Câmara dos monumentos do subgrupo oriental de Reguengos de Monsaraz



Este cruzamento de informação permite-nos identificar 3 grandes grupos: Câmaras pequenas, médias e grandes, ao qual se acrescentaria uma classe para o único caso a justificar a classificação “Muito Grande” (Olival da Pega 1). A classe largamente maioritária (média) poderá ser desdobrada em dois conjuntos numa futura análise mais pormenorizada. Segunda esta perspectiva encontramos os seguintes tipos de Câmaras:

QUADRO 3**Dimensões das Câmaras dos monumentos megalíticos de Reguengos de Monsaraz***

Câmara pequena	Câmara média:		Câmara Grande					
	DCL	DCT	DCL	DCT				
Piornal 2	2,1	2,3	Gorginos 2	2,48 3,12	Cebolinhos 1	4,4	4,56	
Areias 6	1,50	2,95	Areias 5	3	3	Comenda 1	4,3	4,75
Areias 7	1,5	1,60	Arraeira 1	3,04	2,72	Olival da Pega 1	4,29	5,88
Areias 10	2,5	1,50	Azinheira 1	2,4	3,6	Olival da Pega 2	3,60	3,44
Areias 11	1,90	1,65	Barrocal 2	4	3,5	Passo 1	4,40	4,80
Barrocal 1	3,2	3,60	Barrocal 4	3,44	3,60	Xarez 1	3,3	3,4
Falcoeira	1,1	1,85	Barrocal 10	4,40	3,20	Vidigueiras 1	4,16	3,52
Gorginos 4	1,52	1,84	Barrocal 12	2,16	3,60			
Lázarus 1	2,5	2,3	Carapetal	3,44	3,68			
Vidigueiras 2	2,40	2,80	Cavaleira	3,12	4,0			
Duque	2,72	2,80	Cebolinhos 2	2,40	4			
Belhoa	3,07	2,5	Cebolinhos 4	2,56	3,60			
			Comenda 2	3,6	2,88			
			Comenda 3	3,2	2,4			
			Duque	3,1	2,8			
			Farisoa 1	3,76	3,92			
			Farisoa 2	2,96	3,60			
			Farisoa 6	2,75	3,30			
			Gorginos 3	3,04	2,40			
			Gorginos 1	3,1	3,8			
			Monte Novo 1	3,60	4			
			Monte Novo 2	3,84	3,2			
			Outeiro 1	3,3	2,8			
			Passo 2	3,01	2,64			
			Poço da Gateira 1	3,20	2,40			
			Passo 7	3,44	3,04			
			Piteiros 1	3,20	2,72			
			Santa Margarida 1	3,04	3,20			
			Santa Margarida 2	2,8	1,9			
			Santa Margarida 3	3	2,9			
			Quinta 1	3,20	3,12			
			Vale Carneiro	3,20	3,84			
			Peroliva 1	3,5	4,4			
			Piornal 1	2,2	2,8			
			Monte Novo do Piornal	2,4	3			
			Piornal 3	3,2	4,6			

* Medidas internas

Observa-se com nitidez a distanciação da anta 1 do Xarez em relação ao conjunto do Piornal, distanciação que a aproxima de outros monumentos de ocupação calcolítica.

No que se refere ao Corredor, usámos os parâmetros criados por um dos signatários (Gonçalves, 1989, vol. 1, p. 43):

1. curto: comprimento inferior ao diâmetro longitudinal da Câmara;
2. médio: comp. sensivelmente idêntico ao diâmetro longitudinal da Câmara;
3. longo: comp. superior ao diâmetro longitudinal da câmara, até ao dobro deste;
4. muito longo: comp. superior ao dobro do diâmetro longitudinal da Câmara.

QUADRO 4

Dimensões dos Corredores dos monumentos megalíticos de Reguengos de Monsaraz

Cor. curto	Cor. médio	Cor. longo	Cor. muito longo
Areias 1	Areias 7	Azinheira	Cebolinhos 2
Areias 9	Azinhão 2	Barrocal 1	Olival da Pega 1
Arraeira	Barrocal 3	Barrocal 10	Olival da Pega 2
Azinheira 1	Barrocal 12	Gulhelha 2	
Barrocal 6	Cebolinhos 1	Gulhelha 4	
Cavaleira 1	Chaminé 2	Passo 4	
Chaminé 1	Comenda 3	Peroliva 1	
Comenda 2	Farisoa 2	Quinta 1	
Duque	Lázarus		
Falcoeira	Passo 1		
Farisoa 5	Piornal 2		
Farisoa 6	Piornal 1		
Gorginos 1	Viseu		
Gorginos 2			
Gorginos 3			
Horta do Pomar 1			
Monte Novo 2			
Outeiro 1			
Outeiro 1			
Passo 5			
Passo 7			
Xarez 1			
Piornal 3			
Poço da Gateira 1			
Poço da Gateira 2			
Vale Carneiro 1			
Vale Carneiro 2			
Vidigueiras 1			
Belhoa			
Vidigueiras 2			

Estes dois parâmetros de análise devem agora ser considerados comparativamente:

QUADRO 5

Tipos de corredor associados a Câmaras pequenas

Ca. P + Co P	Ca. P +Co M	Ca P +Co L	Ca P+ Co ML
Areias 9	Piornal 2	Gulhelha 2	
Falcoeira	Areias 7	Gulhelha 4	
Vidigueiras 2	Chaminé 2		
	Lázaros 1		

QUADRO 6

Tipos de corredor associados a Câmaras médias

Ca. M + Co C	Ca. M +Co M	Ca M +Co L	Ca M + Co ML
Gorginos 2	Azinhão 2	Barrocal 10	Cebolinhos 2
Areias 1	Barrocal 3	Passo 4	
Arraiera 1	Barrocal 12	Peroliva 1	
Azinheira 1	Comenda 3		
Barrocal 6	Farisoa 2		
Cavaleira 1	Piornal 1		
Chaminé 1	Piornal 3		
Comenda 2			
Duque			
Farisoa 5			
Farisoa 6			
Gorginos 1			
Horta do Pomar 1			
Monte Novo 2			
Outeiro 1			
Outeiro 2			
Passo 5			
Passo 7			

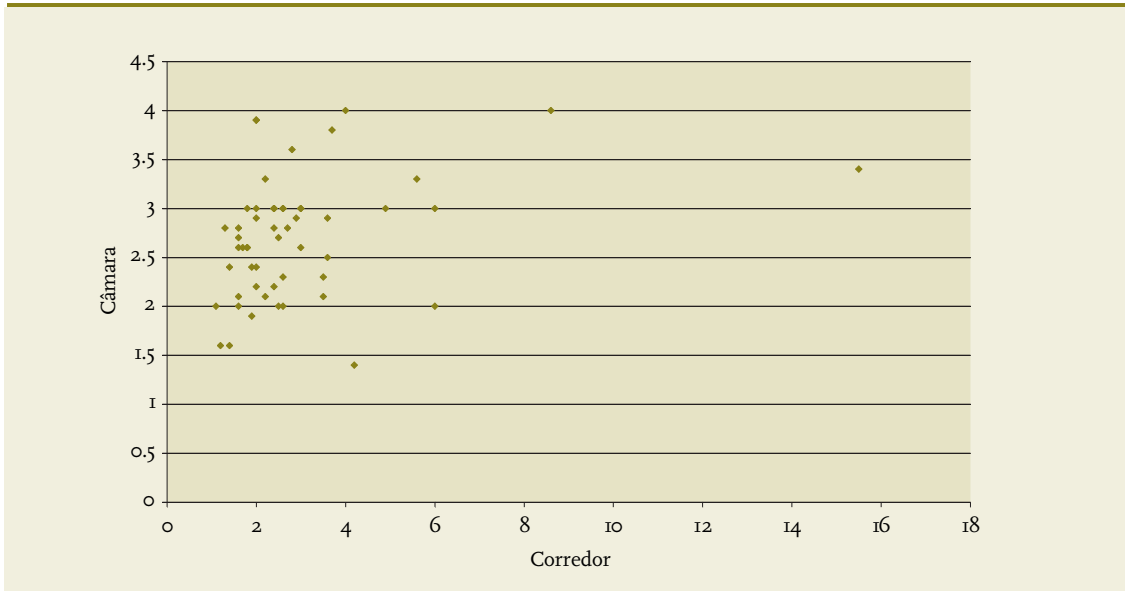
QUADRO 7

Tipos de corredor associados a Câmaras grandes

Ca. G + Co C	Ca. G+Co M	Ca G+Co L	Ca G+ Co ML
Comenda 1	Cebolinhos 1		Olival da Pega 1
Xarez 1	Passo 1		Olival da Pega 2
Vidigueiras 1			

GRÁFICO 3

Dimensões Câmara - Corredor



5.2. Os monumentos do limite oriental: Xarez 1, Piornal 2, Monte Novo do Piornal, Piornal 3

Apesar de dispormos de uma boa amostragem de antas escavadas em Reguengos de Monsaraz, resultado das investigações de fins dos anos 40 (Leisner e Leisner, 1951) e imediatamente posteriores (Pina, 1961, 1963) e de nós próprios, escavar um monumento em finais do século XX, inícios do XXI propicia obviamente um nível de informação mais preciso e sobretudo fiável.

Os problemas começam a registar-se ao nível da própria morfologia dos monumentos, uma vez que as plantas publicadas em 1951 para PRN-2 ou XZ-1 não coincidem com as efectuadas actualmente.

Também o questionário prévio à escavação é naturalmente mais alargado: em todos os monumentos se procurou verificar a presença ou a ausência de uma estrutura tipo *tumulus* ou de outro tipo de arquitecturas no exterior da câmara funerária. Foram detectadas estruturas tumulares nem sempre idênticas em parte dos monumentos (agora estudados) e com impactos pré-existentes ou posteriores ao primeiro uso dos monumentos noutros (materiais removidos do monumento em XZ-1, materiais de ocupações antigas em PRN-2).

QUADRO 8

Morfologia arquitectónica das antas do subgrupo oriental

N.º*	Des.	Ch	TCr	Tm	X	K	DCmT	DCmL	CCr	DTm	ECm	ECr
68	XZ-1	●	●	●	●	0	3,4	3,3			7	1+1
69	PRN-1			●	●		2,8	2,2	2,1		7	
70	PRN-2	●	●	●	●	●	2,3	2,1			6/7	2+2
71	PRN-3	●	●	●	●	●	3,2	4,6	2,6		7	2+2
Nn**	MNP	●	●	●	●	●	3	2,4	0		8	0

* Numeração a partir de Leisner e Leisner, 1951. Nn: não numerado pelos Leisner (inédito).

● Presença ● Ausência

Des. - designação, Ch - Chapéu (existência), TCr - Tapa de Corredor, Tm - *Tumulus*, X - presença de xisto, K - Kerb, DCmT - Diâmetro da Câmara no sentido transversal, DCmL - Diâmetro da Câmara no sentido longitudinal, CCr - Comprimento do Corredor, DTm - Diâmetro do *tumulus*, ECm - N.º Esteios da Câmara (existentes + presumidos), ECr - N.º esteios do Corredor (duas linhas de esteios que compõem o corredor).

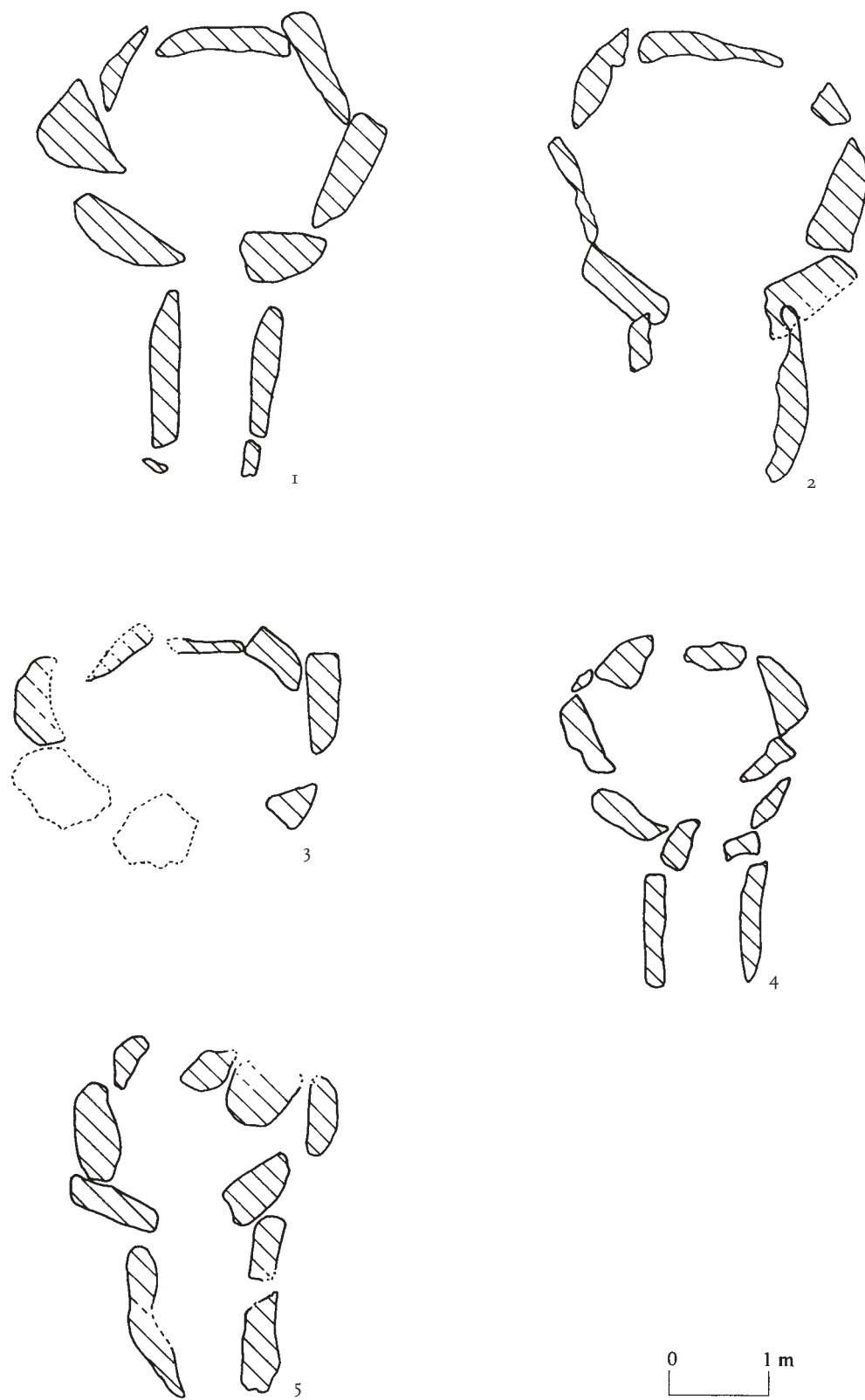


FIG. 8 – Monumentos do subgrupo oriental: 1 – Piornal 3; 2 – Xarez 1; 3 – Monte Novo do Piornal; 4 – Piornal 2; 5 – Piornal 1.

Monte Novo do Piornal

Forma geral

O actual estado do monumento parece configurar uma planta subcircular. Não foram detectados quaisquer vestígios de um Corredor.

Câmara

Câmara originalmente constituída por oito esteios, de que apenas se encontraram seis conservados.

Câmara de dimensão média.

Corredor

Não foram identificados quaisquer vestígios de corredor. Encontramo-nos assim perante dois cenários possíveis:

1. a arquitectura do monumento foi planificada sem corredor ou fecho;
2. a arquitectura do monumento incluía área construída sobre matéria perecível que não deixou traços.

Cobertura

Não foram detectados blocos de pedra que correspondessem ao chapéu que fecharia o topo da Câmara.

Tumulus

O *tumulus*, a ter existido, deverá ter sido totalmente destruído pelos trabalhos agrícolas.

Piornal 1

Forma geral

Trata-se de um monumento de Câmara subrectangular transversal de dimensões médias e Corredor médio.

Em torno da Câmara e Corredor, e como forma de apoio, foi colocado um pequeno anel pétreo de sustentação constituído por blocos de grauvaque de média dimensão, à semelhança da situação identificada na Anta 1 do Xarez.

Câmara

Câmara constituída por sete esteios: seis de grauvaque e um de granito. A Câmara apresenta uma forma subrectangular transversal. Estas proporções podem ter sido alteradas pela força das raízes da árvore que se encontra hoje junto ao monumento.

Corredor

O Corredor apresenta um esquema 1+1, com dois esteios de grande dimensão (ECrD-1 tem 2,40 m de comprimento). Originalmente, deveria apresentar forma afuselada (antes da deslocação de ECrD-1 da sua posição original).

Tumulus

Não foram identificados quaisquer indícios de uma estrutura pétreo de apoio à cobertura.

O anel pétreo colocado em torno da câmara e corredor, parece ter como funcionalidade a sustentação do monumento e não corresponder ao último elemento da mamoa.

Chapéu

Alguns dos blocos do interior da câmara não correspondem a um entulhamento, mas antes a elementos da cobertura do monumento, tombados para o interior.

Não foi identificado qualquer bloco claramente associável ao Chapéu.

Piornal 2

Forma geral

Monumento constituído por Câmara subcircular e um corredor de dois esteios (fórmula 2+2), ainda coberto por uma tampa.

Câmara pequena, Corredor médio.

A planta original deste monumento deve também ter sido afectada pela presença de uma azinheira de grande porte.

Esteios da Câmara

As alterações pós-deposicionais tornam difícil compreender se se trata de um monumento com 6 esteios, com ECm 6 fragmentado, ou se se trata de uma anta com 7 esteios com o troço N da câmara muito remobilizado da sua posição original.

Os esteios encontram-se talhados de forma muito heterogénea, sobre um granito com inclusões. Verifica-se que o maior número de pedras de apoio se situa na junção entre o Corredor e a Câmara (bem como na parte esquerda do Corredor).

Corredor

O primeiro troço do Corredor encontrava-se coberto por uma tampa. O Corredor é constituído de acordo com a fórmula 2+2, sendo os esteios junto à Câmara de pequena dimensão (quase pilares), contrastando com os esteios 2 (ECR2) que apresentam um perfil alongado, posicionados de forma paralela.

Tumulus

A área envolvente ao monumento é completamente plana, acompanhando o relevo natural.

Não se registou quaisquer vestígios de *tumulus*.

Cobertura

Junto à Câmara (lado esquerdo) encontrava-se um fragmento de esteio ou de tampa. Outros dois fragmentos foram removidos do interior do monumento (Corredor e Câmara).

Piornal 3

Forma geral

Monumento constituído por câmara de planta subcircular, cuja irregularidade sugere tendência trapezoidal, com sete esteios. Os alvéolos dos esteios da câmara foram escavados no substrato rochoso.

Este monumento apresenta similitudes estruturais, arquitectónicas e volumétricas com a anta 1 dos Gorginos.

Câmara e Corredor de dimensões médias.

Câmara

Câmara constituída por sete esteios, seis dos quais fracturados raso ao solo actual, mas a secção e altura do esteio completo (ECr-1) apontam para uma estrutura de grandes dimensões. Com 4,60 m de largura no eixo longitudinal e 3,20 m de largura no eixo transversal.

Corredor

Corredor composto por um esteio de cada lado, de forma entre o paralelo e o afuselado, fórmula 1+1, e por dois blocos mais pequenos de granito à entrada, funcionando como anteparas.

Os esteios sofreram fenómenos de alteração da sua posição e estrutura original, visto que a área externa foi muito destruída.

Tumulus

Identificou-se uma estrutura tipo *cairn*, constituída por pedras imbricadas (grauvaque e algum granito) e terra vermelha de componente argilosa, como consolidante, elemento de ligação entre os blocos de pedra.

Na Campanha de 2000 viria a ser identificada a presença de um *kerb*, anel pétreo de delimitação ou contenção do *tumulus*.

Cobertura

Não se encontraram restos de tampas do Corredor ou do Chapéu.

Xarez 1

Forma geral

Monumento constituído por Câmara com planta subcircular de 7 esteios e Corredor curto de fórmula 1+1.

A planta da anta foi inicialmente traçada na rocha granítica tendo sido efectuada uma fossa circular para a implantação dos esteios.

No interior do monumento, os interstícios entre a fossa e os esteios foram preenchidos por pedras de apoio com uma dimensão pequena/média, mas na área exterior, este conjunto de pedras de apoio constitui-se num anel pétreo que funciona simultaneamente como calço dos esteios e primeiro anel da mamoa.

Câmara grande e Corredor curto.

Câmara

Sete esteios na Câmara, alguns cortados ao nível do solo actual (na metade Sul).

Corredor

Fórmula 1+1, sem anteparas, com um provável micro-espço de átrio. Provavelmente configuravam um Corredor de lados paralelos.

Tumulus

Presença de um anel pétreo particularmente bem conservado na metade direita do monumento e constituído por blocos de pedra de média dimensão, de grauvaque e em alguns pontos de quartzo, granito e seixos (estes últimos sobretudo na zona de fecho do corredor).

6. Arquitecturas e espólios

Ao analisarmos o conjunto artefactual obtido nas escavações conduzidas no subgrupo oriental mais uma vez se identificam como duas realidades distintas o conjunto proveniente das antas do Piornal e o exumado na anta do Xarez. Esta individualização encontra-se bem patente em termos quantitativos e no que se refere aos próprios materiais recolhidos.

QUADRO 9

Tipos de materiais presentes nas antas do subgrupo oriental

	MNP	PRN-2	PRN-1	PRN-3	XZ-1
Pedra lascada					
Pontas de seta	A	●*	A	●	●
Lâminas/lamelas	A	A	●	●	●
Geométricos	A	●	●	●	A
Restos de Talhe	●*	●	●	●	●
Pedra Polida					
Machado	A	●	●	A	●
Enxó	A	A	A	A	●
Enxó de fibrolite	A	A	A	●	A
Formão	A	A	A	A	●
Polidor	A	A	A	A	●
Recipientes Cerâmicos	A	●*	●	●	●
Sagrado					
Placas de xisto	A	A	A	A	●
Placa de quartzito	A	A	A	A	●
Adorno					
Contas de Colar	A	A	●	A	●

* não é claro tratar-se de espólio do monumento, podendo provir das terras do povoado que o envolve. A: ausente.

Assim, em termos de presenças e ausências, verifica-se que apenas na anta 1 do Xarez se encontram representados todos os tipos de materiais “típicos” dos conjuntos votivos do megalitismo de Reguengos de Monsaraz, incluindo materiais relacionados com a esfera do sagrado (placas de xisto com decoração geométrica e uma ocorrência única de uma placa de grés). Estas presenças associadas permitem indicar um conjunto integrável no Neolítico final ou no Calcolítico “inicial”.

No que se refere ao conjunto do Piornal, as ausências são particularmente significativas. Assim, a cerâmica é quase residual (limitando-se a um vaso e alguns fragmentos da anta 1 do Piornal), não existem quaisquer materiais figurativos do âmbito do sagrado e os artefactos de adorno são sempre muito escassos.

O conjunto votivo inclui uma associação pedra polida e geométricos, tradicionalmente associada a uma fase antiga do megalitismo de Reguengos de Monsaraz. Mas é adequado referir que são sempre escassos artefactos de pedra polida e um reduzido número de geométricos.

No que se refere às presenças quantitativas, as diferenças são também consideráveis e confirmam a distinção estabelecida inicialmente. Na anta 1 do Xarez, foram recolhidos abundantes materiais (cerca de 1000 registos), contrastando com o reduzido número de materiais nos restantes monumentos.

Esta abundância de materiais em Xarez 1 parece coincidir com o tipo de utilização colectivas calcolíticas de sepulcros megalíticos.

Com efeito, e apesar de um de nós (VSG) colocar desde 1998 sistematicamente em equação uma situação diferente, não existem dados artefactuais em número suficiente para que se afirme com segurança ter existido uma ocupação anterior à que parece referir-se ao Neolítico final ou mesmo já ao Calcolítico. Pelo contrário, regista-se a ausência de alguns dos tipos de artefactos recolhidos em monumentos como Piornal 2 e 3, no subgrupo oriental, e Vidigueiras, Gorginos e Poço da Gateira.

No caso do Monte Novo do Piornal os materiais arqueológicos são muito escassos. É difícil compreender a escassez e também o tipo de materiais aqui recolhidos. Nenhum dos materiais é claramente votivo, sendo provável a sua associação à mancha de povoamento neo e calcolítico disperso pelas duas margens da Ribeira da Carraça e designada por Piornal 5.

Para o restante conjunto do Piornal, estamos decerto perante pequenos monumentos “familiares” neolíticos, correspondendo a uma utilização restrita em número de deposições e em espaço cronológico muito limitado de utilização do monumento.

Embora as alterações da deposição primária dos artefactos encontrados nos pareça comprovada (como é o caso da enxó registada junto ao bloco de granito do lado direito da entrada de Piornal 3, ou a lâmina de sílex registada junto à entrada da Câmara do mesmo monumento, cerca do topo de ECrE-1), não consideramos que os revolvimentos dos contextos sejam a causa da ausência de espólio mais numeroso. O conjunto encontrado é bastante homogéneo, formando um conjunto artefactual muito coerente: se fenómenos pós-deposicionais implicaram perdas de conteúdo, elas teriam sido mínimas, não afectando a imagem global que procurámos definir.

7. Discussão final

Como breve tópico de discussão final, e não esquecendo que o estudo monográfico de estes monumentos incluirá eventualmente resultados de cronologia absoluta, poderíamos definir três perspectivas de aproximação:

1. não seguindo forçosamente a hierarquia da importância relativa das situações, a situação cronológica de estes monumentos entra apenas como uma suposição baseada em premissas obtidas para outros contextos. A datação do encerramento da anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Gonçalves, 2001) ou as datações para a anta 3 da mesma Herdade (Gonçalves, no prelo) reforçam a ideia que entre fins do IV e inícios do III milénio se abandonam os sepulcros (1) individuais ou (2) monofamiliares ou (3) de ocupação restrita, para (1) se construírem grandes monumentos de uso colectivo ou (2) para se dar um uso colectivo a monumentos de uso restrito. Todas as datações de radiocarbono obtidas até ao momento em monumentos do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz apontam para a transição do IV para o III milénio e para a primeira metade deste, onde parecem agrupar-se os *tholoi*. Nenhum espólio associável a povoados como Xarez 12, Xarez 4, Fonte dos Sapateiros, Carraça 1 (Gonçalves e Sousa, 2000) foi detectado em contextos funerários;

2. outra questão que parece cada vez próxima de uma leitura indiscutível é a da presença tardia, dentro do megalitismo, das placas votivas com decorações geométricas ou antropomórficas, parecendo cada vez mais claro que nenhuma delas deverá ser muito anterior à generalização dos monumentos de grande uso colectivo;

3. finalmente, a questão essencial: existe ou não um subgrupo oriental. Curiosamente, a questão não é de tão fácil resposta como o próprio título de este texto parece deixar entender. Sob o ponto de vista meramente geográfico (cujas implicações, aliás, de modo algum devem ser minorizadas), a situação não suscita qualquer dúvida: basta olhar para o mapa

de distribuição dos monumentos do grupo para se perceber imediatamente o estatuto próprio que eles assumem. Mas, tanto a nível das arquitecturas, como dos espólios e mesmo dos eventuais ritos fúnebres praticados, a homogeneidade do grupo é indiscutível e não justifica até ao momento, nessa perspectiva, subdivisões.

Reguengos de Monsaraz e Lisboa, Primavera de 2000
Texto actualizado e revisto no Inverno de 2001, bibliografia em 2002

NOTAS

- ¹ Director da Unidade de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) • Faculdade de Letras • P-1600-214 • Lisboa • Portugal
e-mail: vsg@mail.doc.fl.ul.pt.
- ² Investigadora da Unidade de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) • Faculdade de Letras • P-1600-214 • Lisboa • Portugal.

REFERÊNCIAS

- GOMES, M. V. (1997) - A anta da Belhoa (Reguengos de Monsaraz, Évora). *Cadernos de Cultura*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 39-69.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. 2 vols.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- GONÇALVES, V. S. (1995a) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. In *O Megalitismo no Centro de Portugal: Mangualde, Nov. 1992*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira-Alta, p. 115-135.
- GONÇALVES, V. S. (1995b) - *Sítios, "Horizontes" e Artefactos*, Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1999a) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1999b) - Time, landscape and burials. I. Megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal: an initial overview. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 83-92.
- GONÇALVES, V. S. (2001a) - A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. 115-206.
- GONÇALVES, V. S. (2001b) - A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Almadan*. Almada. 2.^a série. 10, p. 204-207.
- GONÇALVES, V. S. (2002a) - Intervenções arqueológicas em monumentos do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz na área a inundar pela Barragem de Alqueva. Um ponto da situação em fins de 2001. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 5:1, p. 39-65.
- GONÇALVES, V. S. (2002b) - Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas junto ao Guadiana e à Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz). Um ponto da situação em inícios de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 153-186.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (1997) - A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente Peninsular. In *Actas do Colóquio Internacional O Neolítico Atlântico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Gallega, Universidade de Santiago de Compostela-Unión Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas, p. 609-634.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In *Muitas antas, pouca gente?*. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 11-104.

- LEISNER, G. (1949) - *Antas dos arredores de Évora*. Separata de *A Cidade de Évora*. 15/16, 17/18.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura (reeditado pelo Instituto Nacional de Investigação Científica /UNIARQ, Lisboa, 1985).
- PINA, H. L. (1961) - A Anta da Herdade do Duque. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71, p. 13-26.
- PINA, H. L. (1963) - A Anta da Azinheira (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 19:1, p. 25-46.